

Imagens da arte musealizadas e patrimonializadas contam história...

Diana Farjalla Correia Lima

Doutora em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ibict/UFRJ), - Rio de Janeiro, RJ - Brasil.

Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) - Rio de Janeiro, RJ - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/6632884800640353>

E-mail: diana@mls.com.br

Publicado em: 12/10/2018.

RESUMO

O texto enfoca imagens artísticas e a livre percepção para expressar o pensamento independente de uma leitura formal de estudos sobre arte e, assim, construir comentários relacionados ao que cada obra nos fez ver e sentir. Em contexto de musealização e patrimonialização abordam-se exemplares representando coleções de museus ou considerados na categoria Patrimônio cobrindo um período do Paleolítico ao século XX. E desenham-se uma caminhada temática ilustrada abrangendo: muitos e muitos mil anos passados; religião; rituais; sentimentos; família; medicina; trabalho; dança; luxúria; e ídolos do século XX.

Palavras-chave: Imagem artística. Museologia. Musealização. Patrimonialização. Museu de arte. Patrimônio artístico.

Images of museum art and cultural heritage speak about history...

ABSTRACT

The article focuses on artistic images and on people's free perceptions and ability to express thoughts regardless of formal readings of the Arts literature. Thus, we shape comments about what a certain work allows us to see and feel. Within the context of the musealization and patrimonialization we discuss items representing museum collections or considered as Cultural heritage ranging from the Paleolithic period to the XXth Century. We also created a thematic, illustrated path covering: many, many thousands of years ago; religion; rituals; sentiments; family; medicine; work; dance; lust; and – XXth century idols.

Keywords: Artistic images. Museology. Musealization. Patrimonialization. Art museum. Cultural and artistic heritage.

Imágenes del arte musealizadas y patrimonializadas cuentan historia...

RESUMEN

El texto enfoca imágenes artísticas y la libre percepción para expresar el pensamiento independiente de una lectura formal de estudios sobre arte y, así, construir comentarios relacionados con lo que cada obra nos hizo ver y sentir. En el contexto de Musealización y Patrimonialización se abordan ejemplares representando colecciones de museos o considerados en la categoría Patrimonio cubriendo un período del Paleolítico al siglo XX. Y se dibuja una caminata temática ilustrada que abarca: muchos y muchos mil años pasados; la religión; rituales; sentimientos; la familia; la medicina; trabajar; bailar; la lujuria; y los ídolos del siglo XX.

Palabras clave: Imagen artística. Museología. Musealización. Patrimonialización. Museo de arte. Patrimonio artístico.

INTRODUÇÃO

O texto toma por base imagens no quadro das criações humanas que são consideradas pelo contexto cultural na categoria de representações do campo da arte. E também constituem exemplares interpretados sob a perspectiva dos processos de musealização e de patrimonialização. Em vista deste caráter nosso trajeto perpassa a herança da humanidade registrada sob a forma de objetos integrantes de coleções de museus, os acervos musealizados, portanto, pelo campo da museologia conceitualmente patrimonializados; espaços/elementos titulados como bens da categoria patrimônio, patrimonializados em contexto nacional e internacional e, no último caso, chancelados pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO), com o título de Patrimônio Mundial, o mesmo que Patrimônio da Humanidade.

Esclarecemos, como fizemos por ocasião da Primeira Bienal Nacional de Imagens na Ciência, Arte, Tecnologia, Educação e Cultura, em 2013, que não há pretensão de tratarmos o tema segundo a perspectiva de um estudo sobre arte. Deste modo, o motivo que nos conduz está em deixar brotar impressões que nos atingem ao nos depararmos com imagens artísticas. E experimentar sensações quando nosso pensamento se faz livre para exprimir-se sem amarras preestabelecidas por diretrizes especializadas.

Compartilhar nossa percepção advinda da comunicação visual das imagens é o nosso propósito. Quando estivermos percorrendo olhar a olhar o conjunto selecionado, vamos tentar expressar por meio de palavras e transformar em uma redação o que nos toca a sensibilidade e alimenta a imaginação, embora a escrita (em especial a nossa) possa não ter o mesmo alcance que a imagem detém. Confessamos que estamos em meio a um desafio: traduzir sentimentos criadores de imagens ou imagens em sentimentos...

Decidimos que no dia de nossa apresentação na Bienal não usaríamos um texto de apoio. E a partir da observação pautada nos componentes das imagens que estavam sendo exibidas, vista a vista relatamos o que nos vinha à mente para dizer o que imaginávamos naquele momento.

Do mesmo modo vamos proceder agora em nosso caminho textual, percorrendo reproduções visuais que ‘falamos’ da vida dos homens/mulheres em múltiplas situações, em diferentes tempos, em vários lugares.

O percurso é feito perpassando 10 temas que consideramos representativos para comentar: 1) Muitos e muitos mil anos passados...; 02) Religião; 3) Rituais; 4) Sentimentos; 5) Família; 6) Medicina; 7) Trabalho; 8) Dança; 9) Luxúria; e 10) *Ídolos* do século XX¹.

Iniciamos no período do Paleolítico, na infância humana, e o último conjunto imagético finda no ambiente do século XX, um marco secular que descortina horizonte de possibilidades para mudanças e permanências, harmônicas ou beligerantes, dependendo das ações das criaturas, isto é, depois de cerca de 20 mil anos após a primeira mensagem ilustrada da qual temos o registro.

E nos ocorre pensar o que nos reserva o futuro. Refletindo interrogativamente qual será a representação a ser dada por meio de imagens. E se tais formas da visualidade aptas a interpretações plurais permanecerão para contar história.

¹ Em virtude de a modalidade escrita ocupar mais espaço do que uma simples fala, tivemos que reduzir o número de imagens exibidas por ocasião da palestra, no entanto, a mudança não altera o processo de comunicação da visualidade em nosso relato.

TEMA 1. MUITOS E MUITOS MIL ANOS PASSADOS...

O assunto remete ao conjunto pictórico que guarda exemplos dos primeiros testemunhos visuais herdados de nossos antepassados e produzidos faz cerca de 20 - 10 mil anos antes da era cristã, no período Paleolítico Superior.

Escolhemos uma imagem bidimensional que, aliada à durabilidade do suporte rochoso e às técnicas inaugurais da pintura com material de origem natural, atualmente, permite-nos saber detalhes da existência humana distribuída ao longo de diversificados pontos nos continentes da Terra.

Mas vamos deixar que nossos sentimentos aflorem livres para transmiti-los ao estarmos em relação com ilustrações que iremos visualizar, inicialmente apresentando breve relato sobre as imagens.

Nossa primeira Figura é a Gruta das Mãos - Rio Pinturas, *Cuevas de Las Manos - Río Pinturas*. Estão datadas entre 13 mil e 9500 anos a.C.

Figura 1 – *Cuevas de Las Manos*, 13.000 - 9.500 a.C., Argentina.



Fonte: Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/936/gallery/>>. Acesso em: maio 2017.

Numerosas mãos a cores estão impressas nas rochas e o espaço entre cada uma é exíguo. A profusão do motivo deixa no ar uma interrogação acerca do intento para o desenho. Contudo, é possível pensar que seu(s) dono(s) parece(m) dizer que não só estivera(m) ali, como reafirma(m) pela repetição exaustiva dos decalques, cuja representação liga-se à identidade pessoal, que estão em seus domínios. A pintura exhibe a habilidade daqueles caçadores perpetuados pelas tintas duráveis ao longo de milênios. Temos um registro do dono da vida local fixado na mensagem em cores enfatizada pelo branco, vermelho e negro, que implica a criação de uma técnica pictórica, a pintura rupestre colorida, e ainda na construção de um meio para exprimir um pensamento, uma fala ancestral.

Escolhemos, agora no continente europeu, outro desenho feito por nossos antepassados, homens envolvidos em caçar animais de grande porte. Destacamos a Gruta de Lascaux, Lascaux Grotte, descoberta em 1940, cuja datação alcança cerca de 19 mil anos a.C. (CULTURE FR, 2017a), considerada detentora de expressivo contexto de pinturas e gravuras, também se destacando pelo nível dos detalhes e das cores, retratando inúmeras representações.

O “bestiário de Lascaux” arrola “100 figuras de animais”: cavalos, cervos, touros, bisões, rinocerontes, aves, compondo narrativa na qual a figura do homem muitas vezes faz companhia nas cenas (CULTURE FR, 2017a).

A gruta se irradia por trajetos repletos de pinturas e gravuras que, em alguns lugares, ocupam o teto. Nos anos 1960, por motivo de processo de deterioração, foi fechada ao público visando sua preservação. Nos anos 1980 uma réplica construída próxima ao local original foi aberta ao público, Lascaux II, reproduzindo a Sala dos Touros, La Salle des Toureaux, e o Divertículo Axial, Diverticule Axial (CULTURE FR, 2017b). Em 1979 todo o conjunto arqueológico que compreende uma região com “147 sítios pré-históricos do Paleolítico e 25 grutas decoradas” no Vale de Vézère, Montignac, França, foi considerado Patrimônio Mundial e denominado Prehistoric Sites and Decorated Caves of the Vézère Valley (UNESCO, 2017e). (Figura 2).

Figura 2 – *Prehistoric Sites and Decorated Caves of the Vézère Valley*. Detalhe do painel, *La Salle des Toureaux - Lascaux Grotte*, 19.000 a.C. França.



Fonte: Disponível: <<http://whc.unesco.org/en/list/85/gallery/>>. Acesso em: maio 2017. Fotografia-autor: Francesco Bandarin (2006).

Um touro se agiganta diante dos outros animais. Na imagem, o contorno forte que destaca sua silhueta em meio a outras imagens, bem como sua forma suplantando pela superposição do traçado outros animais subjacentes parecem dizer-nos da sua importância no contexto da fauna local. O desenho pelas proporções avantajadas assume demonstrar a força e a bravura do animal oponente do homem. Situado à frente de um pano de fundo com outros animais de corpos entintados de vermelho, o touro domina o detalhe da cena com seu corpanzil sem cor, porque somente a linha negra o faz existir, e paira 'transparente', soberbo em situação visual de vulto no quadro de vida dos caçadores. E pensar que muito tempo depois o bravo animal foi subjugado!

TEMA 2. RELIGIÃO

O assunto ilustra a humanidade e sua relação com o plano divino. Dos tempos remotos aos nossos dias a ligação vem sendo representada segundo *várias interpretações* culturais e, igualmente, materializando imagens.

Dizem respeito, inicialmente, a Luxor, antiga Tebas, capital do Egito (Médio e Novo Império), cidade dedicada ao deus Amon e sítio do Túmulo de Nefertari, *Nefertari's tomb* (cerca 1.290 a.C.-1.254-a.C.), esposa do Faraó Ramsés II.

A pintura parietal destaca o touro deificado, deus Ápis, associado, entre outros atributos divinos, à fertilidade, e está retratado em companhia da rainha. A tumba construída a mando do monarca, localizada no Vale das Rainhas, integra com o Vale dos Reis, lugar do túmulo de Ramsés, o conjunto funerário Antiga Tebas e sua Necrópole, *Ancient Thebes with its Necropolis*. Em 1979 tornou-se Patrimônio Mundial (UNESCO, 2017a). (Figura 3).

Figura 3 – *Nefertari's tomb*, século XIII a.C., Egito



Fonte: Disponível em: <<http://www.touregypt.net/historicalessays/nefertari.htm>>. Acesso em: maio 2017.

Na cena a rainha está acompanhada do touro Ápis, deus relacionado à fertilidade, divindade a qual presta sua homenagem. E podemos considerar que ser mãe de um herdeiro varão era crucial nas sociedades tradicionais, especialmente nas casas reais. A rainha voltada para duas figuras do animal deificado revela a importância da devoção, tendo-o como honrosa proteção no espaço funerário. A divindade de feição híbrida: corpo humano com máscara taurina é o deus vivo, presente. E, na cena, entre dois humanos ombreia na mesma proporção com a imagem da rainha. A altura igual do deus e da rainha dignifica Nefertari no contexto da ambiência. Os motivos de símbolos religiosos e de seres vivos em toda a superfície parietal dão a perceber a ideia da religião (religare) no comando da vida corpórea e no mundo espiritual, conforme a crença egípcia no período.

Em seguida, a imagem aborda a devoção no Extremo-Oriente, Japão, ao Buda Amida Nyorai, que se expressa pela estátua do Grande Buda Amida, *Daibutsu Amida*, em local de peregrinação.

A figura é uma das representações identificadas ao Buda Amida, Buda da Meditação, que se alinha à interpretação budista *Jodoshu* (BUDISMO, 2015).

Confeccionada em bronze, alcança 11,35 m (altura) e 13,35 m com o pedestal. Pesa 125 toneladas. É a terceira versão construída (1495). As anteriores em madeira, 1252 e 1335, foram destruídas por tempestades (KOTOKUIN, 2017).

É uma obra escultórica considerada patrimônio nacional pelo Governo do Japão, categorizado como Tesouro Nacional (*National Treasure*) expressando a memória coletiva religiosa (JAPANGOV, 2017). A categoria atribuída no Japão tem pontos similares ao contexto brasileiro de valorização cultural (preservação/proteção) representado pelo título Patrimônio Nacional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Está situada no templo Kotokuin, considerado local de peregrinação, na cidade de Kamakura, Kanagawa. (Figura 4).

Figura 4 – *Daibutsu Amida*, século XV, Templo Kotokuin, Japão.



Fonte: Disponível em: <<http://www.japan-guide.com/e/e3100.html>>. Acesso em: maio 2017.

A escultura do Ser Iluminado em concentrada posição de meditação exprime postura de serenidade, de paz, e a mensagem que nos transmite é evocada pelo templo em meio à natureza envolvente. Ao fundo, a edificação de linhas simples acentua as proporções extremamente diferenciadas entre a construção e a estátua grandiosa de Buda, comunicando a magnitude da sua interpretação no imaginário religioso. A figura mística da sabedoria existencial justaposta ao aspecto gigantesco do Buda de bronze cujas dimensões apequenam os visitantes que se aproximam, leva-nos a refletir na sua grandeza moral em contraponto à realidade humana. Aos que lhe creditam fé reconhecendo-o como mestre, também a enorme estátua simboliza a ampla proteção que emana do espaço considerado sagrado.

TEMA 3. RITUAIS

As práticas tradicionalmente arraigadas, como as celebrações, de modo geral, atendem a padrões que os grupos culturais preservam como modelos de cerimônias relevantes: os rituais. Simples ou rebuscados nas ocorrências, invariavelmente, os ritos permanecem regendo momentos ora alegres ora tristes das vidas humanas.

Pietro Perugino (1448/1450?-1523), artista italiano, é o autor do afresco Batismo de Cristo, *Battesimo di Cristo*, realizado no período 1481-1483 e com grandes dimensões: 3,35 m por 5,40 m. Cabe lembrar que a técnica do afresco requer destreza para dominar a pintura feita sobre o suporte (parede/teto).

Os suportes são manipulados tendo a base para receber o entintamento ainda úmida implicando secagem rápida, e tal condição impõe habilidade técnica e destreza para elaboração.

O painel renascentista está situado na Capela Sistina, no Vaticano (CAPELLA, 2017). Os elementos componentes da construção e dos demais edifícios que formam o conjunto artístico-cultural da Santa Sé --- *Historic Centre of Rome, the Properties of Holy See in the City Enjoying Extraterritorial Rights and San Paolo Fuori le Mura* --- foram considerados Patrimônio Mundial em 1980 e ampliados em 1990 (UNESCO, 2017d). (Figura 5).

Figura 5 – *Battesimo di Cristo*, Pietro Pierugino, 1481-1483, Capela Sistina, Vaticano



Fonte: Disponível em: <<http://www.icsrizzoli.it/michelangelo/battesimo-di-cristo-perugino>>. Acesso em: maio 2017.

Uma cena bíblica: Jesus recebe o batismo pelas mãos do Santo João Batista distinguido pela auréola. São as principais figuras e ocupam os pontos visuais de destaque. Estão nas águas do Rio Jordão, centro da cena e em primeiro plano. Sobre a cabeça do Nazareno, está a Pomba, o Espírito Santo, indicando Jesus como membro da comunidade de fé. Deus, emoldurado em um medalhão central, e em meio a seres angelicais que habitam seu domínio celeste, abençoa o Filho. No ritual de iniciação, as imagens de dois Santos sobre rochas confirmam o teor sagrado, bem como a presença de outros eclesiásticos vem dizer do poder simbólico da instituição religiosa. Cores vivas revelam o momento de júbilo. Chama nossa atenção que a obra renascentista, embora idealize episódio ocorrido cerca de um milênio e uns centos de anos antes do século XV, represente a multidão com trajés do período em que foi produzida e, também, o casario de época ao modo da arquitetura de Roma.

Outro ritual consiste numa cerimônia do adeus. Um enterro ocorrido na cidade natal do autor, Ornans, *Un enterrement à Ornans*. Trata-se de óleo sobre tela com medidas significativas, 3,15 m por 6,68 m, da autoria do artista francês Gustave Courbet (1819-1877), elaborado entre 1849-1850, exprime a linguagem do Realismo.

A ficha catalográfica do acervo, na descrição, identifica todos os retratados e entre eles nomeia os componentes da família do pintor (MUSÉE, 2017b). Integra a coleção de pintura do Museu d'Orsay, em Paris, França. (Figura 6).

Figura 6 – *Un enterrement à Ornans*, Gustave Courbet, 1849-1850, Museu d'Orsay, França



Fonte: Disponível em: <cach://www.musee-orsay.fr/fr/collections/oeuvres-ommentees/recherche/commentaire_id/un-enterrement-a-ornans-130.html?no_cache=1>. Acesso em: maio 2017.

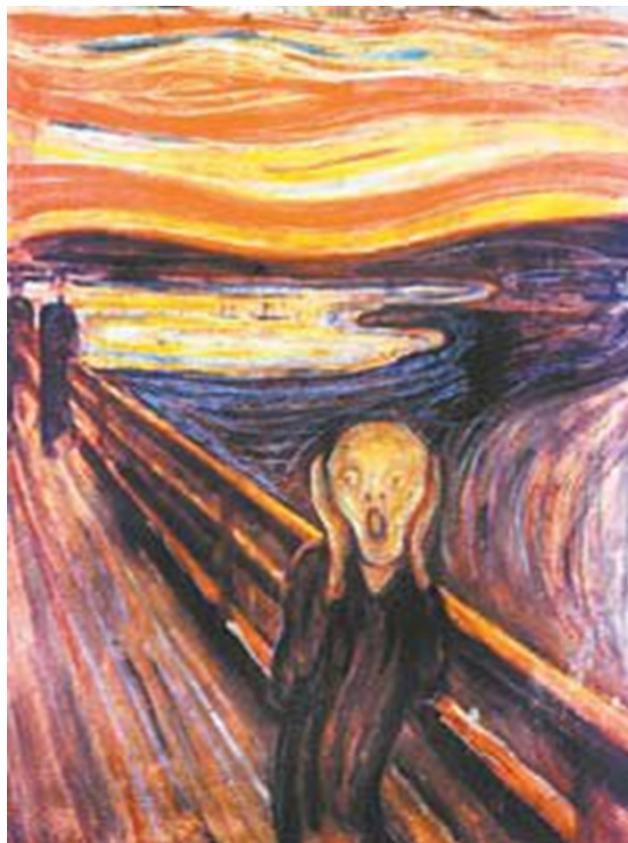
O cenário é construído de tons sombrios. Revela-nos a tristeza de uma cerimônia fúnebre e rememora a frágil condição humana. A despedida cristã de base católica se formaliza nos sacristãos e nos sacerdotes que conduzem o rito de fé no instante final do enterro: a cova está aberta e o caixão está prestes a ser depositado. Podemos dizer que a inspiração da proteção divina se faz matéria eloquente na cruz de grande altura, onde a cuja imagem flagelada do Cristo se eleva sobre todos os participantes circunspectos, homens e mulheres de solenes vestes. O sentimento da perda está no gestual: enxugam-se lágrimas com lenços brancos, pontos luminosos sobre o fundo negro das roupas de luto. E a figura de um cão deixa uma interrogação. O que faz ali o animal de pelo branco sobre o negro da cena? Poderia lembrar-nos que é o fiel amigo do homem e por isso, também, veio fazer sua singela despedida...

TEMA 4. SENTIMENTOS

Os sentimentos vibram em nossos seres. Manifestam-se em razão de múltiplas situações e expressam-se em modos ruidosos ou silentes, exuberantes ou recatados, felizes ou infelizes. As obras artísticas *têm o poder* de fazê-los aflorar. E apresentamos duas formas de lidar esteticamente com os sentimentos humanos no ambiente da visualidade.

Edvard Munch (1863-1944), pintor norueguês representante do movimento Expressionismo, elaborou quatro trabalhos com o mesmo tema usando paleta plural de cores vibrantes. A obra reproduz o sentimento intenso que foi experimentado pelo artista ao passear por uma estrada e assistir à cena que posteriormente immortalizou (MUNCH, 2017). Reproduzimos a obra O Grito, *Skrik*, 1893, feita em têmpera e pastel sobre cartão, medindo 0,91 m por 0,73 m. É item da coleção da Galeria Nacional de Arte, constitui parte do conjunto artístico do Museu Nacional, em Oslo, Noruega. (Figura 7).

Figura 7 – *Skrik*. Edvard Munch, 1893, Museu Nacional, Noruega



Fonte: Disponível em: <http://www.nasjonalmuseet.no/en/collections_and_research/our_collections/edvard_munch_in_the_national_museum/The+Scream,+1893.b7C_wljU1a.ips>. Acesso em: maio 2017.

Um homem caminha por uma estrada em meio ao sol que explode em miríade de cores vibrantes (poderíamos dizer gritantes) dominando a cena. Ao olhar seu rosto e corpo, percebemos que exprime intensa reação de surpresa: os olhos estão desmesuradamente abertos, os braços dobrados para cima e as mãos encostadas às orelhas dizem da perplexidade que o impacta. Da boca que está amplamente aberta, é possível imaginarmos que emerge o som que dá nome à obra. O grito na narrativa de um esteta é a surpreendente percepção da beleza que surge inesperada, sem esboços, sem retoques, sem o esforço permanente para captá-la. Livre para ser sentida. O grito dado pelo homem de Munch é uma ode à natureza.

Michelangelo Buonarroti (1475-1564) faz-nos ver e experimentar o sentimento pela via da escultura. Venceu a dureza do mármore e legounos a obra Piedade, *Pietà*, 1498-1499 (BASILICA, 2017), na qual a imagem, pela habilidade do artista do período Renascentista, assemelha-se a um ser vivente, pulsando de emoção. O trabalho escultórico exprime a tragédia da morte de Jesus e a dor de Maria. A imagem de grandes dimensões **é parte do conjunto da Santa Sé categorizado em 1980 e 1990 como Patrimônio Mundial**, portanto no mesmo contexto que citamos em Batismo de Cristo, e compõe o cenário interior da Basílica Papal **São Pedro – Basilica Papale San Pietro**, no Vaticano (UNESCO, 2017d). (Figura 8).

Figura 8 – *Pietà*, Michelangelo Buonarroti, 1498-1499, Basílica S. Pedro, Vaticano



Fonte: Disponível em: <http://www.vatican.va/various/basiliche/san_pietro/it/basilica/interno.htm#thumb>. Acesso em: maio 2017.

A Mater Dolorosa envolta pela dor do sofrimento inimaginável parece embalar Jesus. O que há de mais tenebroso para a mãe que segura nos braços não mais a criança alegre da infância, mas o adulto exangue, o inocente morto com requintes de crueldade? Maria, com semblante abatido, olha para o corpo do Crucificado, cujos lábios entreabertos não têm mais o sopro da vida. A cena nos toca pelo indescritível significado e beleza. O tratamento dado por Michelangelo às posturas, ao talhe das faces e dos corpos, aos detalhes no panejamento do traje, imprime movimento em oposição à ideia do cessar trazida pela morte. Nossa Senhora da Piedade, invocação atribuída à Mãe que padeceu de um tenebroso episódio desprovido de compaixão e, do mesmo modo, foi carente de idêntico ato de misericórdia seu Filho que sofreu lenta agonia.

TEMA 5. FAMÍLIA

Assunto tradicional transposto para imagens congregando retratar com cuidado, em especial, os membros das casas reais. A memória dos soberanos fixada sobre *vários suportes* permanece, assim, imorredoura na primeira obra e também vinculada ao contexto familiar relacionado à revolução religiosa. Na segunda, a arte se relaciona ao mercantilismo europeu que fez prosperar o grupo dos 'sem nobreza', no qual os mercadores tiveram proeminência na formação da burguesia. Surgiu, em paralelo nas Artes, a pintura de cavalete que encontrou nestas famílias abastadas uma nova clientela e um modelo social a ser reproduzido.

A primeira está relacionada ao faraó Akenaton (18ª dinastia), que governou o Egito (1364-1347 a.C.) e, por breve tempo, estabeleceu o monoteísmo no Novo Império. O culto ao deus Aton, o disco solar, foi base para mudanças religiosas, sociais e urbanas – a construção da cidade de Amarna, nova capital dedicada ao deus, foi um dos resultados. A rainha Nefertiti, mencionada em fontes históricas pela beleza, é indicada como sua esposa preferida. A família é homenageada representada em relevo na estela de calcário, cuja função original era ornar um altar doméstico. Trata-se de obra do Museu Egípcio de Berlim (Neues Museum) catalogada e classificada como elaboração do período Amarna (EGYPTIAN, 2017). (Figura 9).

Figura 9 – *Stele - Akenaton, Nefertiti and family*, Museu Egípcio de Berlim - Novo Museu, Alemanha



Fonte: Disponível em: <<http://www.egyptian-museum-berlin.com/c52.php>>. Acesso em: maio 2017.

Estamos em frente ao núcleo familiar real reunido sob a proteção que emana do deus Aton por meio dos raios projetados pelo disco solar centralizado no espaço visual. O conjunto se situa sobre um fundo de inscrições, e cremos sejam louvores ao deus e à sua feição de poder terreno, o faraó, pois a estela, neste caso, é um objeto de imagem sacra, de adoração. A representação transmite relação de harmonia e afeto entre os membros retratados. É uma cena informal, intimista: sentados estão à esquerda o marido, faraó Akenaton, à direita a esposa, rainha Nefertiti, e no colo do pai e da mãe estão as filhas, três pequenas princesas. As imagens do soberano e da soberana se apresentam com atributos reais, as coroas, e obedecem na postura de perfil à lei da frontalidade, padrão da representação bidimensional do Egito, à época.

A segunda reprodução enfoca Giovanni di Nicolao Arnolfini, mercador de origem italiana, morador da cidade de Bruges (Bélgica), que foi retratado juntamente com sua esposa pelo pintor flamengo Jan van Eyck (1390-1441), artista qualificado no Renascimento holandês. O quadro nomeado Retrato de Giovanni Anolfini e sua esposa, *Portrait of Giovanni Arnolfini and his wife*, reproduz o interesse do autor pelos efeitos obtidos pela luz na realização da pintura.

A obra, óleo sobre madeira, data de 1434, mede 0,82 m por 0,60 m. E por trazer a inscrição em Latim “Jan van Eyck esteve aqui 1434”, os especialistas afirmam que sua figura estaria refletida junto ao casal no espelho localizado no centro da cena (NATIONAL, 2017). Compõe a coleção de pintura da Galeria Nacional, Londres, Inglaterra. (Figura 10).

Figura 10 – *Portrait of Giovanni Arnolfini and his wife*, Jan van Eyck, 1434, Galeria Nacional, Inglaterra



Fonte: Disponível em: <<https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/jan-van-eyck-the-arnolfini-portrait>>. Acesso em: maio 2017.

Nosso olhar invade o interior de uma casa, precisamente o quarto, onde um casal com mãos se tocando revela intimidade em uma exposição não usual no período. O pequeno cachorro incluído na cena, tradicional companheiro do homem, lembramos um símbolo da fidelidade. O espaço representado: móveis, tapete, lustre, espelho, faz-nos ver que o dono da casa tem posses. Assim como pelos trajes, porque o casal se vestiu com requinte para uma ocasião especial: posar para um quadro encomendado a um pintor. Inclusive, o marido usa um chapéu embora dentro da sua casa. A esposa exibe um luxuoso vestido que estava na moda à época. O modelo estranhamente avantajado permite especular sobre uma gravidez, mas naquela época retratar tal 'estado' seria inusitado. A cena nos mostra a ascensão social dos mercadores, da burguesia. E Arnolfini se comportou igual aos nobres, contratou um pintor para exibir e perpetuar em imagem pictórica sua bem-sucedida vida.

TEMA 6. MEDICINA

As duas obras escolhidas dizem do espaço científico no contexto da medicina em tempos, circunstâncias e ambientes diferenciados, porém, indicativos da face profissional do médico em situações que são referentes à pesquisa e ao atendimento cuidadoso ao paciente.

O artista holandês Rembrandt van Rijn (1606-1669) voltou seu olhar estético para interpretar sob a ótica do Barroco a seara do conhecimento, o método científico por meio de um óleo sobre tela: A lição de anatomia do Dr. Tulp, *De anatomische les van Dr Nicolaes Tulp* (1632).

O quadro cujas medidas são: 1,7 m x 2,16 m (MAURISTHUIS, 2016) retrata um grupo de *physicians* --- como eram nomeados os médicos²--- que assiste *à exposição do colega em uma aula de anatomia*. Uma nova forma para os especialistas estudarem o homem ao natural. A obra faz parte da coleção da instituição museológica Mauristhuis, Haia, Holanda. (Figura 11).

Figura 11 – *De anatomische les van Dr Nicolaes Tulp*, Rembrandt van Rijn, 1632, Museu Mauritshuis, Holanda



Fonte: Disponível em: <<http://www.mauritshuis.nl/nl-nl/verdiep/de-collectie/kunstwerken/de-anatomische-les-van-dr-nicolaes-tulp-146/>>. Acesso em: maio 2017.

A cena que vemos é solene. O respeito ao cadáver, fonte de estudo, é uma condição considerada pelo campo da Medicina. O corpo que está sendo examinado é o componente principal do tema, elemento central da tela. Ao nosso olhar destaca-se como larga faixa iluminada representada em cor clara, que contrasta com os trajes escuros dos médicos e o fundo de igual tom. Os doutores demonstram posturas de interesse, atentos ao desenrolar do processo. O branco das golas dos seus trajes escuros é outro recurso de cor para distingui-los na densa atmosfera sombria e, ao mesmo tempo, enfatizar a presença dos especialistas em cenário grave, sobretudo incomum nas artes, apontando para o desenvolvimento da ciência. Tulp pela posição na construção visual é figura proeminente, por conseguinte, correspondendo à sua relevância na ambiência científica retratada entre os pares.

²Por exemplo: o médico dos monarcas era o físico-mor.

Do artista espanhol Pablo Picasso (1881-1973) apresentamos um óleo sobre tela do início de sua carreira (1897), quando contava 16 anos, expresso ainda em linguagem clássica, modalidade que depois ele subverteria pelo caminho da (des) construção cubista.

Trata-se de sugestiva imagem intitulada *Ciência e Caridade*, *Ciència i Caritat*, duas concepções irmanadas em adequada combinação para atender a terceiros em situações delicadas. O quadro medindo 1,97 m por 2,49 m está inserido na coleção do Museu Picasso, em Barcelona, Espanha (MUSEU, 2017). (Figura 12).

Figura12 – *Ciència i Caritat*, Pablo Picasso, Espanha



Fonte: Disponível em: <<http://www.bcn.cat/museupicasso/ca/colleccio/mpb110-046.html>>. Acesso em: maio 2017.

Um quarto sem aparatos compõe uma atmosfera de tristeza. Contudo, ao apresentar a cena da mulher acamada cuja aparência indica grave enfermidade, podemos perceber que está recebendo cuidados científicos e espiritual. Ambas as representações do atendimento estão ladeando seu leito, amparando-a. O médico que a examina parece tomar-lhe o pulso, e a Irmã de Caridade, a freira Vicentina, cuja ordem religiosa cuida de doentes e pobres (Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo), traz-lhe algo para alimentá-la. A religiosa tem nos braços uma pequena criança que, aparentemente, pode ser interpretada como filha da enferma. Esta visão aumenta nossa sensação de pesar pela imagem desoladora que o título alcança com propriedade.

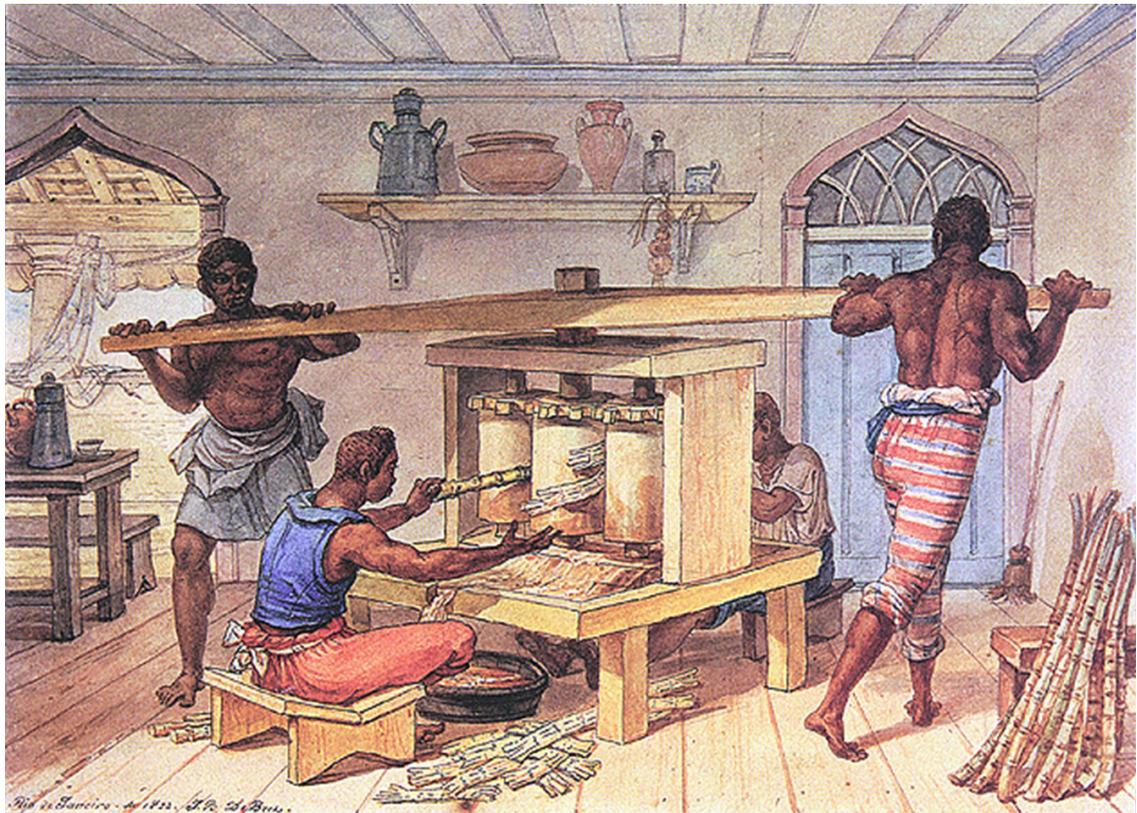
TEMA 7. TRABALHO

Duas perspectivas exibem no cotidiano da labuta manual ligada à agricultura, no século XIX, questões que interpretamos como sociais, e envolvem base moral.

A primeira faz referência ao ambiente da monocultura açucareira. Deixa ver o trabalho escravo no Brasil ao retratar um engenho doméstico de cana com escravos manipulando e movimentando a moenda.

A obra, aquarela datada de 1822-1823, elaborada no contexto do movimento Neoclássico pelo artista Jean Baptiste Debret (1768-1848), membro da Missão Artística Francesa que veio ao Brasil (1816), faz parte das pranchas do álbum *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Integra a coleção Brasileira dos Museus Castro Maya, no Rio de Janeiro, Brasil. (ENCICLOPÉDIA, 2017). (Figura 13).

Figura 13 – Pequena moenda para fazer caldo de cana, Jean Baptiste Debret, 1822-1823, Museus Castro Maya, Brasil



Fonte: Disponível em: <<http://serravallenaafricadosul.blogspot.com.br/2015/05/historia-e-memorias-da-escravidao-negra.html>>. Acesso em: maio 2017.

A realidade da sociedade escravocrata brasileira torna-se documento na cena da moenda movida pela força humana. Dois escravos fazem visível esforço para obter o caldo da cana em meio ao ambiente doméstico, uma construção de arquitetura feita no período colonial. As minúcias na observação detalhista do autor informam que é um ambiente rústico, despojado, com poucos utensílios, com quatro escravos na lida pesada e, sem dúvida, extenuante. Embora o cenário criado pelo autor esteja pautado em cores claras e alegres, transmite-nos no jogo de luz e sombra que envolve o recinto, em especial no trato ao equipamento da moagem e nos homens que o acionam, uma impressão que faculta imaginar um movimento a girar e girar a moenda para manter aqueles homens destituídos de liberdade trabalhando infinitamente.

A outra representação retrata na França a produção do trigo, na fase da colheita e a **ação** das respigadoras, camponesas, apanhadoras das espigas de grãos não aproveitados, liberados pelos fazendeiros, e que são recolhidos para alimento de suas famílias pobres. O artista, Jean François Millet (1814-1875), e que representa a corrente do Realismo, **dá** a dimensão da condição de sobrevivência que a realidade o fez ver e documentar.

A obra apresentada, *As Respigadoras*, *Les glaneuses* ((1857) é um óleo sobre tela, dimensões 0,84 m x 1,12 m, e pertence à coleção do Museu d'Orsay, Paris, França. (MUSÉE, 2017c). (Figura 14).

Figura 14 – *Les glaneuses*, Jean François Millet, 1857, Museu d'Orsay, Paris, França



Fonte: Disponível em: <http://www.musee-orsay.fr/en/collections/index-of-works/notice.html?no_cache=1&numid=342&cHash=981f8147fd>. Acesso em: maio 2017.

Em um vasto campo de trigo com tons que beiram nuances de um róseo dourado e indicam o fim da tarde, vemos ao fundo os resultados de farta colheita obtida. Em primeiro plano e ocupando o espaço de destaque, há figuras de forte apelo visual: três respigadoras que recolhem os grãos das espigas de trigo deixados para trás na colheita. Seus corpos curvados, mas em posições diferenciadas, dizem-nos do trabalho **árduo** de movimentos repetitivos, abaixa e levanta, para amealhar os poucos grãos esparsos em meio a terra e revelando viverem em carência. A tarefa deve ter começado faz pouco tempo porque os aventais das mulheres ainda estão vazios. Se não houvesse na imagem a crítica elaborada pelo artista pela presença das respigadoras e referente **à dura** condição de vida, poderíamos dizer que se tratava de uma cena bucólica durante o poente ao fim da jornada de um bom trabalho.

TEMA 8. DANÇA

Manifestação existente entre as mais diversas culturas, desde tempos distantes, a dança tem o efeito de mobilizar homens e mulheres em grupos ou em solitária evolução. Atendendo a interpretações com padrões que orientam os movimentos em formas predeterminadas como no balé, e demais modos dançantes, bem como na livre expressão de qualquer pessoa em movimentos que brotam da percepção de acompanhar uma *música*, a dança tem sua razão de ser ligada ao prazer que proporciona.

Temos, assim, uma aula de balé na *Ópera de Paris*. As jovens bailarinas *são as figuras* base do tema que a partir dos anos 1870 foi objeto recorrente na produção artística de Edgar Degas (1834-1917), um dos expoentes franceses do Impressionismo. O quadro *A Aula de dança, La Classe de danse*, um óleo sobre tela datado do período entre 1871 e 1874, medindo 0,85 m por 0,75 m, é item da coleção do Museu d'Orsay, Paris, França. (MUSÉE, 2017a). (Figura 15).

Figura 15 – *La Classe de danse*, Edgar Degas, 1871-1874, Museu d'Orsay, França



Fonte: Disponível em: <http://www.musee-orsay.fr/en/collections/works-in-focus/search/commentaire.html?no_cache=1&zoom=1&tx_damzoom_pi1%5BshowUid%5D=2344>. Acesso em: maio 2017.

Na imponente sala vemos que as jovens alunas não mais exercitam as rigorosas posições que o balé exige. As imagens delicadas das bailarinas refletem poses de descanso. Percebemos uma atmosfera luminosa, mas de contrastes marcantes e figuras em diversos planos. Os tutus dão a impressão de serem diáfanos e de mesclarem leves tons de branco azulado ou rosado. Na cena de tendência à monocromia distribuem-se breves menções coloridas: vermelho da flor no cabelo da aluna, na vareta do seu leque e no traje ao fundo; o preto no jaspado das colunas; marfim, azul e cinza nas fitas dos trajes de dança e na roupa do maître de ballet. E o mestre a tudo observa acompanhado de um objeto que lhe é característico: o bastão que exprime o rigor na orientação e imprime o ritmo nas aulas. Intervalo ou fim da aula?

E complementando o contexto visual do tema em foco, agora, a obra escolhida é de Henri Matisse (1869-1954) e traz a marca colorista que identifica sua autoria na ambiência da linguagem do Fauvismo.

Denominada Dança, *Danse*, datada de 1909-1910, é um óleo sobre tela com dimensões amplas: 2,6 m por 3,91 m. E desde 1948 integra a coleção de Arte Francesa do século XX do Museu Estatal Hermitage, em São Petersburgo, Rússia (STATE, 2017). (Figura 16).

Figura 16 – *Danse*, Henri Matisse, 1909-1910, Museu Estatal Hermitage, Rússia



Fonte: Disponível em: <<https://www.hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/digital-collection/01.+Paintings/28411/?lang=>>. Acesso em: maio 2017.

De modo diferente da obra anterior, temos na cena matissiana a expressão de uma dança na qual corpos desnudos imprimem em conjunto um movimento livre, independente de determinações. A representação pelo gestual dos dançarinos sugere semelhança com danças de origem tribal, que são dotadas de forte apelo rítmico, compartilhadas com os membros da comunidade e que marcam o cotidiano. O domínio do ofício do artista está perceptível no resultado da obra. Desenhando as figuras de mãos dadas, em círculo, e com apenas um número reduzido de cores, a resposta visual que temos é a percepção de movimentação intensa, rápida, vibrante e plena de liberdade, alegria, prazer. Transmite-nos a sensação de um momento hedonista.

TEMA 9. LUXÚRIA

A luxúria conforme a Igreja Católica está no rol dos sete pecados capitais, os 'pais' dos outros vícios. Também é identificada à lascívia e manifestada como passional desejo egoísta pelos prazeres do corpo e da materialidade (OS SETE ..., 2017). Tal desejo foi esteticamente veiculado nas artes visuais e trazemos duas interpretações, uma no início da era crista, em Pompéia, e outra em plena Paris do século XIX.

Nossa primeira reprodução nos leva ao ano 79, da era cristã quando Pompéia e Herculano, cidades desenvolvidas e abastadas próximas a Nápoles, foram soterradas pela lava do vulcão Vesúvio.

A obra é um afresco do século I cuja autoria é desconhecida. Decorava uma das "casas de prazer", *houses of pleasure*, um lupanar local (ANCIENT, 2017). Em meados do século XVIII, a cidade encoberta de Pompéia se tornou publicamente conhecida e as efetivas escavações ocorreram no século seguinte. Ao longo do tempo os dois sítios arqueológicos foram desenterrados e continuam sendo objeto de estudos, portanto, dando a conhecer os costumes dos habitantes. Ambas as localidades compõem, desde 1997, o conjunto Áreas Arqueológicas de Pompéia, Herculano e Torre Anunciata, *Archaeological Areas of Pompei, Herculaneum and Torre Annunziata*, inscrito na Lista do Patrimônio Mundial (UNESCO, 2017b). (Figura 17).

Figura 17 – *Bedroom - house of pleasure*, século I, Pompéia, Itália



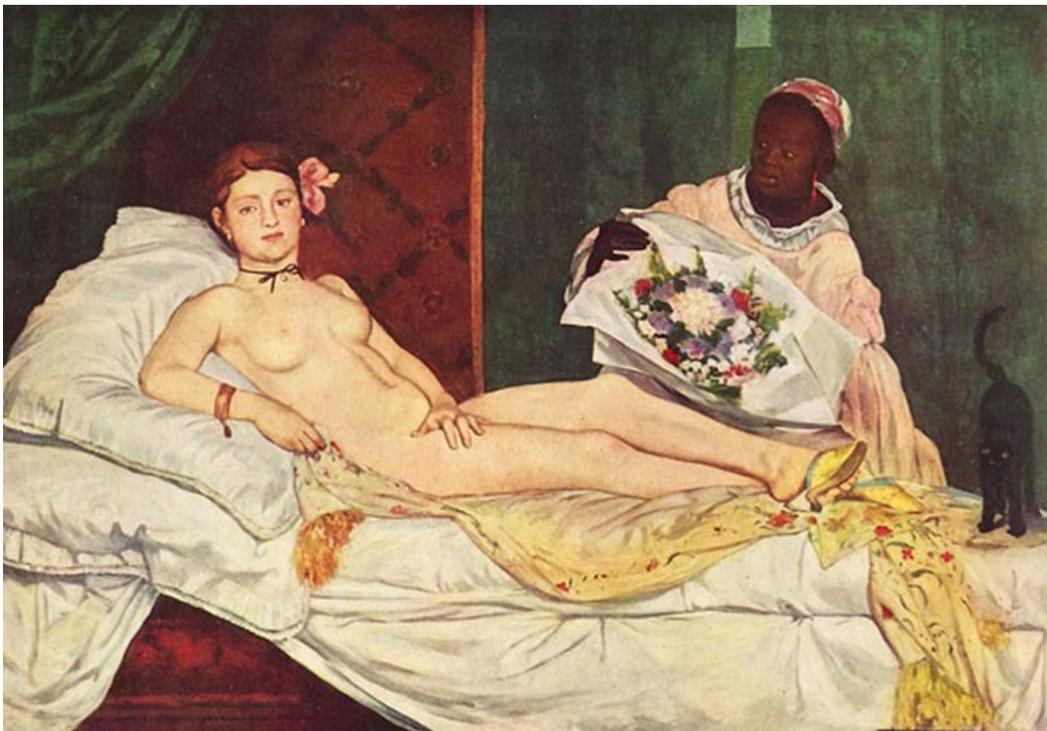
Fonte: Disponível em: <<http://www.ancient-origins.net/ancient-places-europe/houses-pleasure-ancient-pompeii-001925>>. Acesso em: maio 2017.

Estamos descortinando na cidade uma cena pintada em parede de um quarto de bordel. No espaço retratado a prostituta e seu cliente, que estão representados enlaçados, dedicam-se ao jogo do prazer carnal na cama forrada com um colchão verde. A técnica do afresco, a idade da obra, o problema pelo qual passou o sítio ao ser encoberto pela lava do vulcão e o estado de conservação limitam observarmos detalhes, porém, podemos considerar que a existência da pintura no recinto de um comércio do sexo, possivelmente se revestia de convite e estímulo aos prazeres que a especialidade da casa oferecia aos homens em Pompéia.

A segunda reprodução é um quadro de Édouard Manet (1832–1883). Exibido no Salão da Real Academia Francesa de Pintura e Escultura (1865) causou escândalo por ter sido considerado representação vulgar e de mau gosto. Contudo, o gênero artístico Nu não era uma novidade, e o autor faz referências iconográficas a representações de Venus, banhistas, odaliscas e outras mulheres desnudas de quadros famosos.

O modo de Manet se expressar, isto sim, fez a diferença ao retratar Olympia, uma cortesã. Óleo sobre tela de 1863, medindo 1,30 m por 1,90 m, a obra antecede na linguagem plástica a passagem da interpretação do Realismo para a linguagem da Arte Moderna que, no período, já se anunciava pelas mudanças do Impressionismo (MUSÉE, 2017a). Está na coleção do Museu d'Orsay, Paris, França. (Figura 18).

Figura 18 – *Olympia*, Édouard Manet, 1863, Museu d'Orsay, França



Fonte: Disponível em: <http://www.musee-orsay.fr/en/collections/works-in-focus/search/commentaire_id/olympia-7087.html>. Acesso em: maio 2017.

O conjunto construído pelo artista respira sensualidade no corpo róseo da cortesã despida. Olympia invade a tela de fundo mais escuro, imersa no luxo do cenário que foi criado para recebê-la. Posa olhando firme para o espectador (um desafio?). Repousa sobre coxim e almofadas de aparência maciamente convidativa, com o robe de chambre de cor radiosa sob o corpo. Contrastando com a nudez, a jovem calça delicada chinela de salto e, de modo galante, traz uma flor presa aos cabelos. Uma mulher negra, que nos leva a lembrar do imposto colonialismo francês em solo africano, está prestes a entregar-lhe um buquê de flores coloridas, talvez a oferta de um cliente galante. Completa a cena o pequeno gato preto sobre a cama e aos pés de Olympia, o que nos permite a associação milenar que se fazia com uma feiticeira, porém neste caso, das artes do prazer.

TEMA 10. ÍDOLOS DO SÉCULO XX

A cultura de massa no século passado alcançou ampla parte do planeta, favoreceu o aparecimento de formas padronizadas de percepção junto a diversos públicos, e em quadro de convencimento amplo pela sofisticada propaganda o tema foi abordado de modo crítico nas artes visuais.

Um dos nomes a ressaltar é Andy Warhol (1928-1987), que se tornou um expoente da Pop Art americana. Usou um olhar agudo para retratar o momento por ele vivenciado na segunda metade do século XX. E da produção do performático artista selecionamos obras emblemáticas.

As imagens *não só refletem* elementos/momentos da vida americana, como também dizem respeito à repercussão obtida por cada caso específico no circuito global da informação. E foi isto que Warhol retratou.

Temos, por um lado, o autor olhando o plano do mundo pessoal e ao mesmo tempo político que se interliga ao panorama internacional e, por outro, o plano do entretenimento conhecido pelo mundo do cinema. As obras *são*: Jackie Colorida, *Early Colored Jackie*, 1964 (serigrafia e acrílico sobre tela, dimensões 1,00 m por 1,00 m) (WADSWORTH, 2017), (Figura 19), e Jackie (Quatro Jackies) – (Retratos da Sra. Jacqueline Kennedy), *Jackie (Four Jackies) - (Portraits of Mrs. Jacqueline Kennedy)*, 1966, (serigrafia e acrílico sobre tela, dimensões 1,00 m por 1,00 m) (PHILADELPHIA, 2017), (Figura 19); e *Marilyn Monroe*, 1967, uma componente que trazemos do conjunto Portfólio de Dez Serigrafias (serigrafia sobre papel, dimensões 0,91 m por 0,91 m) (MUSEUM, 2017), (Figura 20).

As obras foram trabalhadas por Warhol, no caso de Jackie, a partir de foto de jornais. A que foi base para a obra Jackie Colorida é do ano 1963, meses antes do assassinato de John Kennedy. E para Marilyn foi usada foto publicitária de estúdio cinematográfico. Warhol elaborou a obra depois do suicídio da atriz, em 1962 (ANDY, 2017). As instituições museológicas detentoras das obras estão situadas nos Estados Unidos da América e, respectivamente, são: Museu de Arte Wadsworth Ateneo, em Hartford, Conecticute e o Museu de Arte da Filadélfia, na cidade do mesmo nome, Pensilvânia, (Figura 19); e Museu de Arte Moderna, na cidade de Nova Yorque (Figura 20).

Figura 19 - *Early Colored Jackie*, Andy Warhol, 1964, Museu de Arte Wadsworth Ateneo, EUA, *Jackie (Four Jackies)* - *(Portraits of Mrs. Jacqueline Kennedy)*, Andy Warhol, 1966, Museu de Arte da Filadélfia, EUA



Fonte: Disponível em: <<https://thewadsworth.org/collection/contemporary/>> < <http://www.philamuseum.org/collections/permanent/62254.html>>. Acesso em: maio 2017.

Uma mulher jovem, bonita e com ar feliz sorri. O momento radioso e alegre é ilustrado pela expressão dos olhos, pela cor forte que tinge a face, e pela boca com batom vermelho vivo e em leve sorriso. Tudo compõe a satisfação que Jackie, a primeira dama dos Estados Unidos, demonstra experimentar aos nossos olhos. Em frente a nós está a imagem elaborada de um símbolo de sucesso da vida americana: o ambiente familiar inserido no mundo da política de prestígio internacional. Assim a vemos colorida no retrato antes da tragédia, o assassinato do seu marido, o presidente John Kennedy. Na outra composição nas fotos dos jornais tomadas no dia morte do companheiro, antes e depois do assassinato e no enterro, identificamos no seu rosto a intensa transformação da felicidade para a infelicidade e que se deu em breves segundos. As cenas nos dizem do cotidiano de Jackie em situações opostas, que se narram ora por meio do colorido radioso ora pela via dos tons pesados acinzentados e preto. E captam para nós o sentimento íntimo de cada momento eternizado pelo foco instantâneo de uma câmera fotográfica, reforçado por um pintor que interpreta em um só olhar e oferece sentir os dois tempos ilustrados. Se na primeira tela ela é a bela e radiante Jackie Kennedy, na segunda ela é a pesarosa viúva Sra. Jacqueline Kennedy que emerge pela **mídia** representando a dimensão da tragédia pessoal e política. Não é possível esquecer o episódio...

E, agora, a última reprodução, a figura 20. Colocamos ao lado da obra destacada o conjunto Portfólio para darmos uma ideia da composição exibida no circuito expositivo permanente do museu.

Finalizamos nosso roteiro estimando que as imagens atuem como porta aberta convidando a empreitadas prazerosas para cada leitor construir histórias.

Após nossos ‘relatos visuais’ percorrendo brevemente parte do mundo da arte, esperamos ter compartilhado o que percebemos, sentimos e imaginamos.

Figura 20 – *Marilyn Monroe*, Andy Warhol, 1967, Museu de Arte Moderna, EUA



Fonte: Disponível em: <<http://www.moma.org/collection/works/61240?locale=en>>. Acesso em: maio 2017.

Aos nossos olhos surge uma bela mulher com o rosto tratado ao modo dos cartazes publicitários. A natureza apelativa dada pela cor exuberante, vibrante, excita e prende nossa atenção. A cena monocromática, a cabeleira platinum blonde, faz-nos reconhecer a marcante identidade visual de uma atriz da história cinematográfica. Ela é Marilyn Monroe, um mito construído por Hollywood, a indústria do cinema, reiterado pela mídia como símbolo sexual propagado no imaginário social. Vemos na face o caráter da sensualidade reforçada pelo excessivo e brilhante colorido que ressalta os olhos e a boca entreaberta. A obra, mesmo quando vista isolada do conjunto, permite entender que mantém a referência ao apelo midiático da envolvente figura da ‘loura platinada’, a sex symbol, estrela do cinema internacional. A trilha da fama é replicada no painel repaginada dez vezes, (re)impressa em novos tratamentos visuais como propaganda de um produto exposto ao público ávido por consumi-lo. Da consagração em vida à exibição em um museu, a imagem Marilyn se eterniza na nossa memória coletiva. E ao observarmos o Portfólio em suas grandes dimensões, podemos imaginar o impacto que a figura do mito moderno causa no visitante.

REFERÊNCIAS

- ANCIENT Origins. *The houses of pleasure in ancient Pompeii*. Disponível em: <<http://www.ancient-origins.net/ancient-places-europe/houses-pleasure-ancient-pompeii-001925>>. Acesso em: maio 2017.
- ANDY Warhol Museum. *Works*. Disponível em: <<http://www.warhol.org/collection/archives/>>. Acesso em: maio 2017.
- BASILICA Papale San Pietro. *La Basilica*. Disponível em: <http://www.vatican.va/various/basiliche/san_pietro/it/basilica/interno.htm#thumb>. Acesso em: maio 2017.
- BUDISMO Jodoshu no Brasil. *Caio Alberto entrevistas: entrevista com o Monge Akiyoshi Oeda, monge budista do templo Jodoshu Nippakujji*. Curitiba, 6 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JH4GCdFpEag>>. Acesso em: maio 2017.
- CAPELLA Sistina. *Battesimo di Cristo*. Disponível em: <<http://www.frammentiarte.it/2016/08-battesimo-di-cristo/>>. Acesso em: maio 2017.
- CULTURE FR. *Grands sites archéologiques*. França, 2017a. Disponível em: <<http://www.culture.fr/Multimedias/Grands-sites-archeologiques/Collection/Prehistoire/Lascaux>>. Acesso em: maio 2017.
- CULTURE FR. *Lascaux*. França, 2017b. Disponível em: <http://www.lascaux.culture.fr/infos_pratiques.php?lng=fr>. Acesso em: maio 2017.
- EGYPTIAN Museum Berlin. *Stele - Aknathon, Nefertiti and family*. Disponível em: <<http://www.egyptian-museum-berlin.com/c52.php>>. Acesso em: maio 2017.
- ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. *Missão Artística Francesa - Debret*. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo340/missao-artistica-francesa>>. Acesso em: maio 2017.
- FRIEDRICH, Otto. *Olympia: Paris no tempo dos Impressionistas*. São Paulo: Cia da Letras. 1993.
- JAPANGOV. The Government of Japan. *National Treasure of Japan*. Disponível em: <http://www.japan.go.jp/photo_gallery/Craft_of_Japan/000364.html>. Acesso em: maio 2017.
- KOTOKUIN Temple. *Great Bhuda of Kamakura*. Disponível em: <<http://www.sacred-destinations.com/japan/kamakura-great-buddha>>. Acesso em: maio 2017.
- MAURITHUIS. *De collectie - de anatomische les van Dr. Nicolaes Tulp*. Disponível em: <<http://www.mauritshuis.nl/nl-nl/verdiep/de-collectie/kunstwerken/de-anatomische-les-van-dr-nicolaes-tulp-146/>>. Acesso em: maio 2017.
- MUNCH Museet. *Skrik*. Disponível em: <<http://munchmuseet.no/munch>>. Acesso em: maio 2017.
- MUSÉE d'Orsay. *Edgar Degas: la classe de danse*. Paris, 2016. Disponível em: <http://www.musee-orsay.fr/en/collections/works-in-focus/search/commentaire_id/the-ballet-class-3098.html>. Acesso em: maio 2017.
- MUSÉE d'Orsay. *Edouard Manet: Olympia*. Paris, 2017a. Disponível em: <http://www.musee-orsay.fr/en/collections/works-in-focus/search/commentaire_id/olympia-7087.html>. Acesso em: maio 2017.
- MUSÉE d'Orsay. *Gustave Courbet: un enterrement à Ornans*. Paris, 2017b. Disponível em: <http://www.musee-orsay.fr/fr/collections/oeuvres-commentees/recherche/commentaire_id/un-enterrement-a-ornans-130.html?no_cache=1>. Acesso em: maio 2017.
- MUSÉE d'Orsay. *Les glaneuses*. Paris, 2017c. Disponível em: <www.musee-orsay.fr/en/collections/works-in-focus/search/commentaire_id/des-glaneuses-341.html?no_cache=1>. Acesso em: maio 2017.
- MUSEU Picasso. *Highlights de la Col·lecció - Ciència i Caritat*. Disponível em: <<http://www.bcn.cat/museupicasso/ca/colleccio/mpb110-046.html>>. Acesso em: maio 2017.
- MUSEUM of Modern Art. *Marilyn Monroe*. Disponível em: <<http://www.moma.org/collection/works/61240?locale=en>>. Acesso em: maio 2017.
- NATIONAL Gallery. *The Arnolfini Portrait - Jan van Eyck*. Disponível em: <<https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/jan-van-eyck-the-arnolfini-portrait>>. Acesso em: maio 2017.
- OS SETE pecados capitais. *Católico onante*. Disponível em: <<http://www.catolicoorante.com.br/7pecados.html>>. Acesso em: maio 2017.
- PHILADELPHIA Museum of Art. *Jackie (Four Jackies): (Portraits of Mrs. Jacqueline Kennedy)*. Disponível em: <<http://www.philamuseum.org/collections/permanent/62254.html>>. Acesso em: maio 2017.
- STATE Hermitage Museum. *Hermitage collection: Highlights*. Disponível em: <<https://www.hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/digital-collection/01>>. Acesso em: maio 2017.
- UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. *Ancient thebes with its necropolis*. 2016a. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/87>>. Acesso em: maio 2017.
- UNESCO. *Archaeological Areas of Pompei, Herculaneum and Torre Annunziata*. 2016b. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/>>. Acesso em: maio 2017.
- UNESCO. *Cuevas de las manos, Río Pinturas*. 2017c. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/936>>. Acesso em: maio 2017.
- UNESCO. *Historic Centre of Rome, the properties of holy see in the city enjoying extraterritorial rights and San Paolo Fuori le Mura*. 2017d. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/91>>. Acesso em: maio 2017.
- UNESCO. *Prehistoric sites and decorated caves of the Vézère Valley*. La Salle des Toureaux - Lascaux Grotte, 2017e. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/85/>>. Acesso em: maio 2017.
- UNESCO. *World Heritage List*. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/>>. 2016f. Acesso em: maio 2017.
- WADSWORTH Atheneum Museum of Art. *Early colored Jackie*. Disponível em: <<https://thewadsworth.org/collection/contemporary/>>. Acesso em: maio 2017.